



Os papéis de Verena Stolcke: os primeiros anos da história do Departamento de Antropologia da Unicamp

Palavras-Chave: Historiografia da antropologia; Verena Stolcke; Arquivo Edgard Leuenroth; Universidade Estadual de Campinas

Autores/as:

Luísa Registro Fonseca [UNICAMP]

Prof. Dr. Luis Felipe Bueno Sobral (orientador) [UNICAMP]

1. INTRODUÇÃO:

O objetivo desse projeto de pesquisa é catalogar e classificar o acervo da antropóloga Verena Stolcke, atualmente depositado no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), localizado na Unicamp. Espera-se desenvolver a classificação e a catalogação dos documentos do acervo, como também, refletir sobre o processo de constituição do mesmo: como os papéis chegaram à Unicamp, quais documentos o constituem e como catalogá-los. O trabalho de classificação visa mapear as potenciais pesquisas que o acervo suscita. No limite, trata-se de promover a classificação, a catalogação e a pesquisa do acervo junto com o debate teórico mais amplo sobre a historiografia da antropologia, tendo como norte o arquivo da trajetória pessoal e profissional da antropóloga Verena Stolcke e seu importante papel na formação do departamento na instituição.

É importante mencionar que esta Iniciação Científica está em diálogo e inserida em uma investigação mais ampla, apoiada pela Fapesp, na modalidade Jovem Pesquisador. Coordenada pelo antropólogo Luis Felipe Sobral, trata-se da pesquisa “Historiografia da antropologia”, que tem como objetivo promover a pesquisa sobre as várias histórias da antropologia sem perder de vista seu aspecto historiográfico e seu vínculo com a teoria antropológica, o que implica em uma reflexão constante sobre como e por qual motivo escrever tais histórias.

No entanto, os objetivos previstos no projeto original, como apresentados acima, não puderam se concretizar até o momento de realização do XXIX Congresso de Iniciação Científica da Unicamp, devido à corrente pandemia de Covid-19 e a crise sanitária na qual nos encontramos. Com a impossibilidade de frequentar o Arquivo, nestes dez meses de pesquisa em confinamento doméstico pude mergulhar e me aprofundar na trajetória intelectual de Verena Stolcke e assim estabelecer um

repertório das fontes do que ela já produziu; como também, a leitura de parte da bibliografia referente à historiografia da antropologia; de etnografias que têm o arquivo como objeto ou como uma entrada para o desenvolvimento de diferentes frentes de pesquisas.

1.1 Apresentando Verena Stolcke

Em 1970, diante do convite da então recém-criada Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Verena Stolcke (1938-) fundou e desenvolveu, ao lado de Antonio Augusto Arantes e Peter Fry, o curso de antropologia dessa instituição. Durante o período da ditadura militar no país, veio para cá com suas duas filhas, por indicação de seu orientador Peter Rivière, após a conclusão de sua pesquisa de doutorado em Cuba¹. Sua tese foi escrita sobre a história social de Cuba no século XIX, com foco nas relações de exclusão raciais e as suas articulações com padrões matrimoniais e, sobretudo, valores sexuais. Nascida em Dessau, Alemanha, em 1938, viveu sua infância e juventude na Argentina, crescendo em uma colônia alemã onde não se falava sobre a Segunda Guerra Mundial e o extermínio dos judeus; e em que também prevaleciam preconceitos contra os argentinos. Devido a sua vivência nesse país latino durante os anos 50, Verena começou a se interessar por temas como racismo e nacionalismos. Com o convite de seu orientador para ir para Campinas, era uma oportunidade para a antropóloga retornar à América Latina. Pela perspectiva da proposta da historiografia da antropologia, sua trajetória é exemplar, coloca em relação vários domínios pensados isoladamente, como antropologia britânica e brasileira; países como Alemanha, Argentina, Cuba, Brasil, Inglaterra; temas de pesquisa que atravessam pela intersecção de raça, gênero e classe; a



Imagem 1 Fotografia do Fundo Verena Stolcke, Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp. "Verena em campo"

relação de formas de escrita como a antropologia histórica, feita em pesquisas em arquivos e documentos, alinhada à idas ao campo e à escrita etnográfica. Sua carreira como antropóloga está intimamente relacionada à sua biografia cosmopolita e às suas preocupações pessoais e políticas. Atualmente professora emérita da Universitat Autònoma de Barcelona, na qual se estabeleceu após vários anos na Unicamp, suas pesquisas concernem especialmente ao mundo ibérico transatlântico, com destaque para Cuba,

Brasil e Espanha, estudado por meio de uma antropologia histórica que prioriza as noções de raça e gênero. Aos 83 anos de idade, Verena é uma mulher ativa, com publicações recentes e inclusive, tem muito interesse na classificação e organização de seu acervo na Unicamp.

¹ Verena Martinez-Alier, *Marriage, Class and Colour in Nineteenth-Century Cuba: A Study of Racial Attitudes and Sexual Values in a Slave Society*. Cambridge, Cambridge University Press, 1974. Segunda e terceira edição, The University of Michigan Press, Ann Arbor, 1989 e 2003, respectivamente.

2. METODOLOGIA:

“(...) os pesquisadores que lidam com arquivos pessoais podem estar buscando evidências não tanto a respeito de ações ou fatos num sentido histórico, já que estes talvez sejam bem conhecidos, mas antes de sentimentos, relações pessoais e traços de caráter.” (HOBBS, 2018, p. 261)

Como ponderado por Catherine Hobbs em seu artigo publicado na coletânea *Pensar os Arquivos: uma antologia* (2018), a pesquisa em arquivos pessoais pode suscitar desdobramentos ainda não explorados sobre documentos, buscando não somente evidências históricas mas também as redes de relações, percepções, contextos sociais e políticos em que tais documentos foram produzidos. O arquivo foi considerado por muito tempo um espaço de historiadores e arquivistas, e após a virada histórica da disciplina nos Estados Unidos que culminou na relativização da noção de campo (CUNHA, 2004), o arquivo passa a ser visto como um campo² para a pesquisa etnográfica. Como já dito anteriormente, infelizmente não pude ter acesso presencial ao arquivo até o presente momento. Porém, com o acesso do VPN da Unicamp, pude usar meu computador pessoal como se estivesse navegando no computador da biblioteca do IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), e assim, de dentro da minha casa acessar a Base Acervus da universidade para baixar quase toda a bibliografia da autora. Com essa ferramenta, utilizei também o site JSTOR, uma biblioteca digital que contém mais de 12 milhões de artigos acadêmicos, livros e fontes de 75 disciplinas.³ Desenvolvi uma organização em ordem cronológica de seu repertório publicado: livros, capítulos, artigos, resenhas de livros, contribuições em artigos e orientações. Também à distância pude ter acesso ao acervo de fotografias do Fundo Verena Stolcke que já se encontra escaneado, mas não inteiramente classificado. Apesar de a Universidade se encontrar fechada com atividades presenciais suspensas em todo esse período, a biblioteca estava funcionando mediante pedidos online e agendamento para busca dos livros com horário marcado. Devido à essa facilidade, consegui ter acesso aos livros impressos pertinentes à minha pesquisa, os quais também pude devolver no sistema caixa de auto devolução proporcionado pela Unicamp.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Através de suas publicações e entrevistas pude observar como as questões de gênero estiveram presentes na sua vida pessoal e profissional, influenciando suas decisões. Quando jovem, foi proibida pelo seu pai de estudar em uma universidade, enquanto seus irmãos puderam. Trabalhou como secretária multilíngue por cinco anos em Munique sem poder estudar durante todo o período. Para ela, este foi o momento quando descobriu “o desastre de ser uma mulher que quer estudar”

² “Among the places anthropologists now go, when they go to the field, is the archive” (DES CHENES, 1997)

³ About JSTOR. < <https://about.jstor.org/> > Acesso em: 08/03/2021

(NASCIMENTO; FRANCH, 2017). Viveu em Stanford entre os anos 1962 e 1964 quando trabalhou como *research assistant* durante o dia, e pôde estudar antropologia em um *college* durante a noite, começando ali sua trajetória acadêmica. Após estes anos de trabalho, conseguiu ingressar na Universidade de Oxford e teve seu doutorado publicado em 1970, o mesmo ano em que foi convidada a fundar o curso de antropologia na Unicamp. Em Campinas, a antropóloga desenvolveu sua pesquisa etnográfica nas plantações de café, esta que segundo ela, só pôde ocorrer pelo fato de ser uma mulher, e ainda, uma mulher estrangeira.⁴

Desse modo, para este resumo darei destaque ao segundo livro produzido por Stolcke: *Cafeicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)*. Esta obra foi fruto de sua pesquisa de campo no Brasil, especificamente em Campinas e Jaguariúna, publicado no ano em que a antropóloga lecionava na Unicamp, em 1986. Os arquivos, documentos e fotos depositados no acervo do AEL em sua maioria estão relacionados à esta pesquisa de Verena.

O livro se propõe a apresentar uma história antropológica do processo de substituição do colonato pelo trabalho assalariado. Foi uma pesquisa que durou cerca de 10 anos, tanto de trabalho de “gabinete”, com dados, números e documentos históricos, quanto de trabalho de campo acompanhando as trabalhadoras, numa fazenda de café localizada em Campinas. A proposta de Stolcke é



Imagem 2 Fotografia do Fundo Verena Stolcke, Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp. "D. Cida"

descrever e explicar os conflitos de classes inerentes às relações de produção sob as quais se cultivava o café nas grandes fazendas cafeieras de São Paulo, tal como elas mostram ter-se modificado ao longo de um período de 130 anos. A grande diferença de sua pesquisa em relação às outras produzidas na época está no fato de que seu foco sempre foram as pessoas, as relações sociais e os conflitos de classes presentes na agricultura. Seus colegas economistas faziam também pesquisas sobre a transição para o trabalho assalariado; porém, eles concentravam principalmente a atenção sobre as forças econômicas que haviam conseguido superar as relações de produção ‘não-capitalistas’. “Eles, os economistas, na época, marxistas, estavam ao mesmo tempo, também interessados na questão agrária. [...] Estavam discutindo, formulando modelos e interpretações e não tinham contato nenhum com o povo” (CORREA, 2013 p. 415). No entanto, pouca atenção era dedicada às condições políticas sob

⁴ “Minha pesquisa na Fazenda Rio das Pedras, que fica aqui do lado, foi possível por duas razões: uma razão foi ser mulher e, além do mais, uma mulher obviamente estrangeira – jovem, loira, de cabelo longo, que parecia uma hippie. Aí no meio das mulheres, Dona Cida, Dona Jandira, Dona Ditinha, Dona Antônia, todas elas que (muito, muito irônicas elas) de alguma maneira me acolheram, também pensando: “e essa mulher, de onde saiu?” (...) E esse fato de ser mulher e esse aspecto tão daquela época, de hippie, devia ser absolutamente improvável que eu pudesse ter um projeto político de levantamento das massas rurais e esse tipo de coisa.” (CESAR; LASSALI, 2017)

as quais funcionavam sistemas particulares de exploração do trabalho ou às formas como os trabalhadores resistiam à sua exploração. Como ela apresenta no prefácio: “Cerca de metade da população do mundo é composta de pessoas que trabalham na agricultura, e mais da metade delas são mulheres. Este livro versa sobre as pessoas, homens e mulheres, que com seu trabalho, fizeram do Brasil o primeiro produtor de café do mercado mundial e forneceram a enorme riqueza que permitiu a industrialização do país” (STOLCKE, 1986 p. 10).

4. CONCLUSÕES

Por fim, concomitante à Iniciação Científica, desenvolvi junto com meu orientador um projeto de Mestrado de título “A trajetória transatlântica de Verena Stolcke: circulação transnacional e produção do conhecimento”. Pretendo me debruçar sobre a trajetória transatlântica de Verena, atravessando o recente debate de circulação na historiografia da antropologia. A trajetória verdadeiramente internacional e cosmopolita de Verena, da qual uma das principais etapas ocorreu na Unicamp, oferece uma oportunidade rara ao estudo da produção intelectual individual em uma variedade de condições sociais, culturais, históricas e institucionais; em outros termos, trata-se da produção do conhecimento antropológico em movimento. Dessa maneira, tal trajetória desafia alguns enquadramentos analíticos estanques da historiografia da antropologia, que tendem a privilegiar o estudo das tradições nacionais, ignorando assim a circulação de pessoas e ideias que, na verdade, são vitais para se compreender essas mesmas tradições.

BIBLIOGRAFIA

CESAR, Rafael do Nascimento; LASSALI, Thais Farias. “Imagina as coisas que se podia imaginar’: jovens antropólogos e uma tese embaixo do braço. Entrevista com Verena Stolcke.” *Proa – Revista de Antropologia e Arte*, n. 7 v. 1, p.167-179. Campinas, 2017.

CORRÊA, Mariza. *Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da antropologia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. “Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo.” *Mana. Estudos de Antropologia Social*, vol. 10, nº 2, 2004, pp. 287-322

DES CHENES, Mary. “Locating the past”. In: GUPTA, A; e FERGUSON, J. (org.), *Anthropological locations: boundaries and grounds of a field science*. Berkeley: University of California Press. pp. 66-85. 1997.

HOBBS, Catherine. “O caráter dos arquivos pessoais: reflexões sobre o valor dos documentos de indivíduos” In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.) *Pensar os Arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2018.

NASCIMENTO, Silvana; FRANCH, Mónica. “Sensibilidades feministas e inquietudes antropológicas. Entrevista com Verena Stolcke”, *Rev. Antropol.* (São Paulo, Online) | v. 60, 2017, n.1: 117-139.

STOLCKE, Verena. *Cafeicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)*, tr. de Denise Bottmann e João R. Martins Filho, São Paulo, Brasiliense, 1986.